

Decadência do Romance Brasileiro

Graciliano Ramos

Prudente de Moraes Neto, crítico muito agudo, alarmando-se justamente com a qualidade má da nossa literatura de ficção, dizia, em 1930, que nos faltava material romanceável. Alguém afirmou, em resposta que possuíamos excelentes romances, e não tínhamos romancistas.

Contrariando essas duas opiniões, logo surgiram livros que foram recebidos com excessivos louvores pela crítica e pelo público. Havia material e havia pessoas capazes de servir-se dele. Tínhamos, porém, vivido numa estagnação. Ignorância das coisas mais vulgares, o país quase desconhecido. Sujeitos pedantes, num academicismo estéril, alheavam-se dos fatos nacionais, satisfaziavam-se com o artifício, a imitação, o brilho do plaquê. Escreviam numa língua estranha, importavam idéias, reduzidas. As novelas que apareceram no começo do século, mediócras, falsas sumiram-se completamente. Uma delas, *Canaã*, que obteve enorme êxito, dá engulhos, é pavorosa.

Dois sucessos contribuíram para dar cabo disso: o modernismo e a revolução de outubro, que, graças à nossa infeliz tendência ao exagero, se ampliaram muito ou se negaram. Certamente não criaram o material a que se referia Prudente nem o engenho necessário ao aproveitamento dele mas abriram caminhos, cortaram diversas amarras, exibiram coisas que não enxergávamos. Desanimados, com enjôo, líamos a retórica boba que se arrumava no congresso e nos livros.

Os modernistas não construíram: usaram a picareta e espalharam o terror entre os conselheiros. Em 1930 o terreno se achava mais ou menos desobstruído. Foi aí que se vários pontos surgiram desconhecidos que se afastavam dos preceitos rudimentares da nobre arte da escrita e, embrenhando-se pela sociologia e pela economia, lançavam no mercado, em horrorosas edições provincianas, romances causadores de enxaqueca ao mais tolerante dos gramáticos. Um escândalo. As produções de sintaxe presumivelmente correta encaharam. E as barbaridades foram aceitas, lidas, relidas, multiplicadas, traduzidas e aduladas. Estavam ali pedaços do Brasil — Pilar, a ladreira do Pelourinho, Fortaleza, Aracaju.

Raquel de Queiróz. Jorge Amado, José Lins do Rêgo, Amando Fontes. Há outros, certamente. Há os que principiaram descrevendo coisas que viram e acabaram descrevendo coisas que não viram. Criaturas inteligentes e inquietas não confiaram nos seus sentidos e entraram resolutamente a delirar. As suas personagens, vagas, absurdas, não comem, não bebem, não setem as necessidades comuns dos viventes ordinários: mexem-se, ou antes estão paradas num ambiente de sonho, procedem como os loucos, falam como os loucos. E há dezenas de imitadores, simples copistas.

Quero apenas referir-me aqui aos representantes máximos do romance nordestino, observadores honestos, bons narradores. Ora, se atentarmos na obra desses quatro novelistas originais, perceberemos nela uma curva. Fizeram, quase sem aprendizagem, ótimas histórias, com tanta sofreguidão que pareciam reear esgotar-se. Não se esgotaram talvez, mas estacaram, como se tivessem perdido o fôlego, ou publicaram trabalhos inferiores aos primeiros. E convém notar que essa queda se deu quando cessou a agitação produzida pela revolução de Outubro. Subiram até 1935. Aí veio a decadência, o que veremos facilmente.

Raquel surgiu em 1930, com uma novela escrita aos dezoito anos, *O Quinze*, onde existem passagens notáveis: o roubo de uma cabra, um montão de retirantes, esfomeados. Em *João Miguel*, de 1932, exibem-se as cadeias da roça. Um preso se embriaga — e a escritora nos dá um capítulo admirável. As personagens já sabem andar. E sabem falar, grande novidade. Realmente fora dos contos de Artur Azevedo, hoje esquecidos, poucas vezes acharemos na literatura velha um diálogo razoável. As figuras de Raquel conversam direito sem consultar o dicionário. *João Miguel* não teve a divulgação que merece. Ainda está na primeira edição. Uma vergonha. Em 1936, saiu *Caminho de Pedras*, livro demagógico. Tem partes excelentes — a morte de uma criança, o monólogo de uma criatura que deixa o marido — mas quase sempre é intencional e frio. Em 1940, Raquel publicou *As três Marias*, o mais bem construído dos seus romances. Existe, porém, aí uma tese muito clara. E as personagens têm menos liberdade que João Miguel, um infeliz prisioneiro.

Jorge Amado começou com *O País do Carnaval*, na adolescência. *Cacau* de 1932, ainda hesitante, já revela o escritor que adquiriu celebridade em pouco tempo, nestas paragens e em lugares cultos. *Suor*,

coleção de tipo magnífica, veio em 1933. Com *Jubiabá*, em 1935, chega o romancista ao ponto mais elevado. Existe aí uma sentinela de defuntos, das melhores coisas que nos deu. *Mar morto*, de 1936, é um recuo. Tem páginas ótimas, a morte de Esmeralda por exemplo, mas está longe de *Jubiabá*. A poesia que há neste muda-se em toada agradável ao ouvido, e certos estribilhos (“É doce morrer no mar”) dizem o contrário do que o autor pretende sustentar. *Capitães de Areia*, publicado em 1937, não vale *Mar morto*.

José Lins do Rêgo fez o *Ciclo da Cana do Açúcar*, conjunto de cinco romances muito sérios: *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936). Não podemos isolar nenhum desses: movem-se aí as mesmas personagens, apresentam-se os mesmos interesses, as mesmas lutas. O romancista não ideou um plano. Escreveu uma novela de cento e tantas páginas, julgou-a incompleta e resolveu acrescentar-lhe um segundo volume. Sempre insatisfeito, foi adiante — e assim veio a lume a narração do banguê vencido pela usina, do capital estrangeiro absorvendo as economias de senhor de engenho. Em 1937 José Lins do Rêgo nos deu *Pureza*, que é um salto para baixo. Em 1938, com *Pedra Bonita*, desceu novo degrau. Ainda outro em 1940, com *Riacho Doce*. As admiráveis qualidades do escritor somem-se quase aí, ou seus defeitos avultam, agravados pelo fato de se mostrarem lugares e acontecimentos que ele não conhece bem. José Lins do Rêgo nasceu na zona da indústria açucareira, lá se criou, lá se educou. Ofereceu-nos cinco livros cheios de vida, numa língua forte, expressiva, a língua velha dos descobridores, conservada no Nordeste, com poucas corrupções. Largou isso e arriscou-se a digressões perigosas. *Pureza* é uma pequena estação que ele viu de longe, da janela do trem. Em *Pedra Bonita* desejou estudar a epidemia religiosa que houve em Pernambuco no século passado, mas teve preguiça e inventou beatos e cangaceiros. Sacrificou até a geografia: pôs a sua gente numa vila do Anum, que não existe. A primeira parte de *Riacho Doce* passa-se toda na Suécia. Embrenhando-se nessas regiões desconhecidas, José Lins do Rêgo repetiu muito do que já havia dito. A figura principal do *Ciclo da Cana do Açúcar*, homem agitado, vacilante, cheio de pavores, ressurgiu com diversos nomes nos últimos livros.

Amando Fontes publicou em 1933 *Os Corumbas*, obra onde há passagens horríveis, uma conversa de professores de escola normal de Aracaju, por exemplo, ingênua e pedante. Contrastando, porém, com

essas falhas, acham-se no livro páginas intensas e humanas que logo o salientaram na abundante literatura do decênio passado: a morte de uma tuberculosa, a confissão de certa rapariga que entra no mau caminho. Amando Fontes não explorou a sua natural aptidão. Encolheu-se. E ao recommear estava na outra ladeira, em 1937, quando todos desciam. Trabalhou muito em *Rua do Siriri*, novela certinha, conveniente. O meio é o bairro das prostitutas numa pequena capital do Nordeste, mas esse lugar de safadeza foi rigorosamente policiado na sintaxe e na moral. A devota intransigente e a colegial afoita que buscarem ali motivo de censura soltarão o volume decepcionadas. Acharão os quartos severamente fechados, não perceberão saias erguidas, gestos equívocos, rumores suspeitos. As meretrizes não brigam, não jogam, não bebem., nunca se dedicam à profissão, falam como senhoras e, todas iguais, possuem sentimentos nobres. Referem-se à desgraça em que vivem, mas com injustiça. Se os lupanares fossem aquilo, venceriam, em austeridade, em recato, os mais inflexíveis estabelecimentos de educação feminina.

Essas mulheres de Amando Fontes representam bem os nossos romances atuais, direitos, comedidos, inofensivos. Desapareceram os mocambos, os sobradões onde se alojavam trabalhadores e vagabundos, as cadeias sujas, as bagaceiras e os canaviais, as fábricas, os saveiros, a escola da vila. E a nossa literatura começou a comportar-se, na moral e na sintaxe, como as mulheres da *Rua do Siriri*. Baniu-se o palavrão, verdadeiro e bíblico. Afastou-se o negro. As personagens branquearam. E, timidamente, aproximam-se da Academia.

Alguns críticos acham que existem dois gêneros de romances: os da cidade, bons, e os do campo, ordinários.

O que se tem feito é secundário, chinfrim. Não vale a pena falar em mocambos, bagaceiras, cadeias, negros do cais. Insignificâncias. É necessário apresentarmos ao público sutilezas e complicações, as que existem no cassino da Urca e nos banhos de Copacabana.

Os nossos melhores romancistas viviam na província, miúdos e isentos de ambição. Contaram o que viram, o que ouviram, sem imaginar êxitos excessivos. Subiram muito — e devem sentir-se vexados por terem sido tão sinceros. Não voltarão a tratar daquelas coisas simples. Não poderiam recordá-las. Estão longe delas, constrangidos, limitados por numerosas conveniências. Para bem dizer, estão amarrados. Certamente ninguém lhes vai mandar que escrevam

de uma forma ou de outra. Ou que não escrevam. Não senhor. Podem manifestar-se. Mas não se manifestam. Não conseguem recobrar a pureza e a coragem primitivas. Transformaram-se. Foram transformados. Sabem que a linguagem que adotavam não convém. Calam-se. Não tinham nenhuma disciplina, nem na gramática nem na política. Diziam às vezes coisas absurdas — e excelentes. Já não fazem isso. Pensam no que é necessário dizer. No que é vantajoso dizer. No que é possível dizer. possuíamos excelentes romances, e não tínhamos romancistas.

in *Literatura* , a. 1, n. 1, Rio de Janeiro, set 1946, p. 20-24.

GRACILIANO RAMOS

Caetés

ROMANCE



LIVRARIA *José Olympio* EDITORA